



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**RODRIGO EMANUEL SOUZA FERREIRA**

**O CANGAÇO: UMA DISCURSSÃO HISTORIOGRAFICA E SEUS REFLEXOS NA  
SALA DE AULA**

**CAMPINA GRANDE  
2016**

**RODRIGO EMANUEL SOUZA FERREIRA**

**O CANGAÇO: UMA DISCURSSÃO HISTORIOGRAFICA E SEUS REFLEXOS NA  
SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduando em História.

**Área de concentração:** Ciências Humanas.

**Orientador:** Prof. Me. Alberto Edvanildo Sobreira Coura

**CAMPINA GRANDE  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F383c Ferreira, Rodrigo Emanuel Souza  
O cangaço [manuscrito] : uma discursão historiográfica e seus reflexos na sala de aula / Rodrigo Emanuel Souza Ferreira. - 2016.  
52 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Prof. Me. Alberto Edvanildo Sobreira Coura, Departamento de História".

1. Cangaço 2. Movimento social 3. Literatura de cordel 4.  
Recurso didático I. Título.

21. ed. CDD 303.484

RODRIGO EMANUEL SOUZA FERREIRA

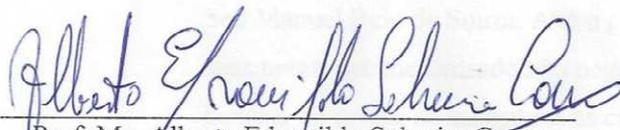
O CANGAÇO: UMA DISCURSSÃO HISTORIOGRAFICA E SEUS REFLEXOS NA  
SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso em História  
da Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Graduando em História.

Área de concentração: Ciências Humanas.

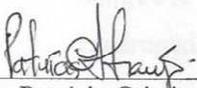
Aprovada em: 27/10/2016.

**BANCA EXAMINADORA**

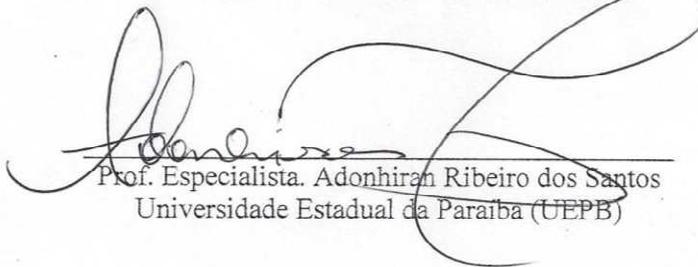


Prof. Me. Alberto Edvanildo Sobreira Coura  
(Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Especialista. Adonhiran Ribeiro dos Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## DEDICATORIA

Dedico esse trabalho a memória do povo nordestino que criou toda uma teia de significados nos eventos do cangaço e suas formas de resistência a dominação do corpo e da mente.

Aos meus familiares que me apoiaram emocionalmente e financeiramente, especial ao meu verdadeiro escudo de carvalho, José Orlando Ferreira de Melo meu pai e minha honrada e bondosa mãe, Maria Raquel Amaral Souza Ferreira.

Ao meu Veterano Herói nas aventuras da leitura, Seu Manuel Belo de Souza, Avó e guia intelectual de seus netos, mesmo cansado não negava ler uma boa história ou contar de cabeça até as crianças dormirem, obrigado meu avô.

E dedico a meu fiel amigo Jonathan Vilar por sempre se mostrar disponível a dúvidas no meio das madrugadas de estudos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Minha família por todo apoio que se pode receber, ao meu orientador Alberto Coura, por sua enorme paciência e dedicação no trabalho de me orientar acerca desse trabalho, que rendeu noites de correção para mim e para ele, foi realmente importante suas recomendações e seus conselho.

Quero também vir aqui agradecer aos amigos que sempre estiveram comigo nessa jornada, Jonathan Vilar e Adjael Maracaja amigos de muito antes da universidade, que sempre foram uma inspiração para continuar estudando, Aline Silva e Klecio Lima, sempre confraternizando comigo e dividindo experiências que dariam um novo trabalho de graduação.

Agradeço também ao meu Motoclube, Cães de Guerra – MC, por todas as aventuras na estrada e por toda a irmandade empregada entre nós mesmos e também de todas as cervejas que dividimos, sempre foi e será uma honra ser o presidente de vocês.

Não esquecendo de todos os colegas de universidade, como Elvis Claudino e Joelder Santos que foram verdadeiros companheiros de estudo e trabalhos, do primeiro dia até o ultimo.

A todos vocês, meu muito obrigado.

## EPÍGRAFE

“Enquanto eles não se conscientizarem, não serão rebeldes autênticos e, enquanto não se rebelarem, não tem como se conscientizar.”

(ORWELL, 1984, 1949)

## RESUMO

O trabalho tem como proposta trabalhar o Cangaço reconhecendo as contribuições culturais e estéticas deixadas pelo movimento, que marcaram época e ainda se mantêm vivas na memória dos brasileiros e, de modo especial, dos nordestinos, analisar a historiografia do cangaço através de teóricos sobre o tema, textos acadêmicos e literaturas populares, que nesse caso foram os cordéis, através desse estudo questionar o modo como se trabalha o tema no ensino fundamental e médio, como o livro didático retrata o tema e novas formas de desenvolver uma boa aula com “novas” formas de didática, levando em conta toda a dificuldade que os professores enfrentam com as escolas públicas. Enfatizando a importância do cordel em toda uma construção do imaginário do aluno, aproveitando também que o tema, principalmente para a cultura nordestina, é bem atraente aos olhos dos estudantes. O trabalho se estrutura em Três capítulos, O primeiro uma ambientação do cenário estudado e de seus integrantes, o segundo uma análise historiográfica dos textos acadêmicos e literaturas de cordel e o terceiro um estudo sobre a influência do assunto no ensino de história das escolas e a utilização do cordel em sala de aula.

**Palavras-Chave:** Cangaço. Literatura de cordel. Sala de Aula.

## ABSTRACT

The paper aims to work the cangaço recognizing the cultural and aesthetic contributions left by the movement, epoch and still remain alive in the memory of the Brazilian people and, in particular, the northeast, analyze the historiography of banditry by theoreticians on the subject, academic papers and popular literature, which in this case were the cordeis, through this study question the way how works this subject in primary and secondary education, as the textbook depicts the theme and new ways to develop a good class with "new" forms of teaching, counting all the difficulty that teachers face with public schools. Emphasizing the importance of cordel across an imaginary construction of the student, taking also the topic, especially for the northeastern culture, it is very attractive to the students. The work is divided into three chapters, the first one setting the scenario studied and its members, the second historiographical analysis of academic texts and cordel literature and the third a study on the influence of the subject in the teaching of history in schools and use of cordel in the classroom.

**Keywords:** cangaço, cordel literature, classroom.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPITULO I: UM CENARIO DE RETALHOS.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPITULO II: NAS ENTRELINHAS DA HISTORIOGRAFIA.....</b>	<b>22</b>
2.1- Literaturas de cordel, representação tradicional da história.....	29
<b>CAPITULO III: O CANGACEIRISMO E A SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM DIDÁTICA PEDAGOGICA.....</b>	<b>37</b>
3.1 A utilização do livro didático.....	39
3.2 A literatura de cordel como abordagem didática pedagógica	42
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXO- QUESTIONARIO.....</b>	<b>50</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo, buscar e analisar a aplicação da história cultural, em destaque a do nordeste, para tal finalidade utilizamos o tem cangaço, uma representação da memória nordestina, uma construção em uma análise historiográfica utilizando fontes acadêmicas, cordéis, teóricos sobre o tema entre outros, com o intuito de mostrar a riqueza da cultura nordestina, e levantar questionamentos acerca de sua desvalorização no ensino fundamental e médio nas escolas públicas e privadas.

A construção de uma narrativa historiográfica é baseada nos vários regimes de verdades históricas, e não em certezas absolutas, tudo que foi um dia poderá vir a ser contado de outra forma, sempre é possível ver interpretações e atribuições fictícias a sujeitos reais e o oposto também, não é de interesse aqui travar uma batalha entre história e ficção, mas encontrar distorções e concordâncias entre as duas, baseados nos lugares sociais dos autores e respectivas épocas que os escritos foram trabalhados, as fontes são os próprios autores e suas literaturas, e o modo de analisar suas criações vai ser através da historiografia.

Existem atualmente e vão continuar a serem produzidas várias obras literárias sobre o assunto trabalhado nessas linhas e capítulos que seguem, porém, vale lembrar que a análise feita do cangaço no sertão brasileiro é a partir do olhar dos autores que já escreveram o tema, procuramos entender as motivações a forma de escrita e os lugares históricos e sociais, que levaram a motivação do resultado, o recorte historiográfico que vai ser abordado enquanto desenvolverei as análises historiográficas das obras será a partir dos anos 80, vão ser obras baseadas na vida difícil do povo sertanejo, de literaturas que vão da nostalgia até a análise crítica de um modo de vida, e é nesse modo de vida do sertão que vamos fazer outro recorte temático, as literaturas trabalharas serão voltadas exclusivamente para o cangaço sertanejo, onde o sol será o protagonista e os cangaceiros vão permeiar entre os vários antagonistas do romance, o cenário da estória é o sertão, e sua criação vem da mente que transmite em forma de palavras escrita, faladas ou cantadas.

Os diversos cenários e análises criadas a partir de qualquer fonte carregam consigo formas de visibilidade, os cenários, que aqui vamos pensar neles como construções do autor individuais retratados em sua obra, são orientadas por valores, costumes, concepções políticas, éticas e estéticas, interesses econômicos e sociais são construídos a partir de conceitos, metáforas em uma trama histórica a uma dada temporalidade, o autor que escreve ou fala uma forma de saber, nunca está sozinho quando expõe sua opinião ou até quando tenta

apenas citar fatos, sua versão ou construção de um determinado tema é baseado especificamente no seu patrimônio histórico e intelectual - nada se parte do zero - o ponto de partida são sempre as revisitações e as comparações.

Uma fonte de fundamental importância para a escrita desse trabalho foi a Literatura de cordel que através da escrita e do imaginário popular, chamar atenção tanto dos sertanejos que viveram naquela época quando dos alunos das escolas públicas e privadas, pelo motivo das histórias que trazem e da sonoridade que se mostra ao ler, e com o auxílio do professor, vai ser mostrar uma ótima ferramenta de trabalho.

Faz parte da literatura oral os mitos, lendas, contos e provérbios que são transmitidos oralmente de geração para geração. Geralmente, não se conhece os autores reais deste tipo de literatura e, acredita-se, que muitas destas estórias são modificadas com o passar do tempo. Muitas vezes, encontramos o mesmo conto ou lenda com características diferentes em regiões diferentes do Brasil. A literatura oral é considerada uma importante fonte de memória popular e revela o imaginário do tempo e espaço onde foi criada.

O estudo desse período se faz importante para a sociedade a partir do momento em que pode se mostrar como uma maneira de preservar a memória coletiva regional, tendo em vista a conscientização da violência cometida pela volante e/ou pelos cangaceiros, o controle dos currais eleitorais que tinham como líder os coronéis, e não ficar preso ao estereótipo do bandido ou a herói dos cangaceiros. A importância do desenvolvimento pensamento crítico dos alunos é um dos desafios do professor de história, e é isso que buscamos no trabalho.

No primeiro capítulo, buscamos criar um panorama geral acerca do cangaço, Baseado em vários teóricos e obras, como Hobsbawm e Frederico Pernambucano e até mesmo Durval Muniz, exemplificamos e buscamos criar o cenário nordestino onde esse evento ocorreu, dando nome e protagonismo a quem é de direito e buscando deixar o leitor do trabalho familiarizado com o ambiente e a natureza criada a partir do imaginário nordestino, e que o mesmo que lhe dá significado.

No segundo capítulo, tem certo aprofundamento do tema cangaço e suas influências e contribuições para o cenário, levando em conta, dessas vez, alguns textos acadêmicos, visões diferentes, sobre um mesmo assunto, o cangaço, vilões ou heróis? Injustiçados ou injustos? Dominantes e dominados, terminando com uma abordagem que vai ter continuidade no

terceiro capítulo que é a literatura de cordel, sua importância no convívio dos nordestinos na época e a riqueza cultural que ele traz.

No terceiro e último capítulo entramos onde queríamos chegar, a valorização de toda essa cultura regional aplicada nas salas de aula do ensino fundamental e médio, e para chegarmos mais próximos do real, utilizamos de questionários aplicados a professores de escolas públicas e particulares, infelizmente até a data de entrega desse trabalho não foi possível coletar tantos questionários quanto foi planejado, por vários motivos, um que chamou atenção, foi a resistência de dois professores de escolas públicas, e outro por atraso no planejamento do último capítulo e atraso de entrega pela parte dos professores que receberam o questionário, talvez com um pouco mais de tempo, em vez de dois professores, teríamos seis ou sete. Porém com a ajuda de teóricos sobre o livro didático e Literaturas de cordel como metodologia, adaptamos o capítulo para não perder a sua importância no trabalho.

## CAPÍTULO I: UM CENÁRIO DE RETALHOS

*“Volto hoje às minhas criaturas, aos rudes homens do cangaço, às mulheres, aos sertanejos castigados, às terras tostadas de sol e tintas de sangue, ao mundo fabuloso do meu romance, já no meio do caminho.”*

*José Lins do Rego<sup>1</sup>*

O rico cenário nordestino onde vai se desenvolver vários eventos relacionados a história da nossa cultura, é um espaço/paisagem que tem como discussão sua invenção e o seu “novo regionalismo”, e de acordo com Durval Muniz<sup>2</sup> ele vem a justificar o seu trabalho com a análise historiográfica e poética de um cenário, ou paisagem como preferir, nordestina, citando escritores e formando com base em uma história cultural, a visão de nordeste, do seu povo a sua geografia, passando por todo tipo de construção, uma construção foucaultiana de relações do poder, e uma construção cultural na vida social inspirado nos textos nostálgicos escritos por Paulo Freyre, Durval vai entender que o nordeste é feito de várias construções historiográficas, umas que levam o leitor, principalmente que vive na região ou já viveu “amolecer o coração” como o próprio autor vai falar nas suas páginas.

Onde certos autores culturais e regionalistas citados por ele vão usar suas escritas para falar de um nordeste sertanejo de paisagens ricas, da terra, das árvores lambuzadas de resina, das águas, das casa grande e da senzala enquanto outros marxistas<sup>3</sup> e politicamente envolvidos nas análises enchem suas folhas com a miséria do solo, a falta de água, a escassez de comida, do êxodo rural.

A Invenção do Nordeste é um olhar crítico, é um trabalho analítico à indiferença pela historicidade e aos perigos dos discursos monológicos, ou seja, segue uma lógica pessoal. Durval, após manter contato com o pensamento foucaultiano, ressignificou a sua forma de abordar o saber. Porquanto até o início da década de 1980, ele escrevia inserido na linha teórica do marxismo. Porém, na obra supracitada uma mudança na escrita, qual seja, a análise do objeto a partir do estudo do discurso. Esse discurso vai ser a operação linguística que atribui sentido a algo ou a alguém. Partindo dessa noção, o autor trabalha a criação do

---

<sup>1</sup> A Volta, poema dedicado a cultura romântica nordestina.

<sup>2</sup> No seu livro “Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional” (2008), mais especificamente no capítulo “nordeste uma paisagem que dói nos olhos e nas mentes.”

<sup>3</sup> Inclusive sendo orientado por Alcir Lenharo, um grande marxista que faleceu ainda durante a orientação de Durval, mas que o influenciou fortemente a princípio.

Nordeste enquanto uma invenção operada através do discurso da seca, apropriado pelas elites políticas da região objetivando angariar recursos financeiros junto à interesses da Capital Federal.

A visita sobre a Invenção do Nordeste e outras artes e, consequentemente, sobre Durval Muniz se dá início com o importante recurso do métodos Arqueológico do saber e dá Genealogia do poder<sup>4</sup>, presentes e extraídos do pensamento de Michel Foucault. O recurso histórico chamado Arqueo-genealogia lhe permitiu em seus estudos perceber as relações de força que permeavam os discursos de uma ideia de Nordeste enquanto um espaço natural.

Na arqueologia do saber, o discurso é compreendido como determinado por uma regularidade que permite com que algo apareça como verdadeiro. Neste sentido, Foucault busca compreender o discurso pela análise do saber, entendendo por suas próprias palavras: “não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2005a, p. 205).

O método arqueológico será responsável por descobrir a formação, o surgimento e a configuração histórica de um discurso legitimado em um determinado campo de saber, e Durval Muniz, aplicando esse método em sua pesquisa, conseguiu desvendar os caminhos que possibilitaram a inserção no discurso regional na imagem do habitante desta localidade, bem como do seu próprio espaço. Ele percebeu como a visão naturalista do final do século XVIII e início do XIX determinou o surgimento do discurso da seca, que por seu turno, permitiu a criação da região até então inexistente.

Essa é um aspecto que demonstra a existência da produção e da manifestação de poder do discurso. Como bem cita o autor, “essa formulação imagético-discursiva do Nordeste é tão consistente que dificulta até hoje, uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço.” (ALBUQUERQUE Jr. p. 49).

Durval utiliza esse método na obra para detectar as dentro dos poderes que dizem quais saberes devem prevalecer e ganhar legitimidade, ou seja, o discurso regional. Nessa lógica, os políticos da região irão se apropriar de uma visão que determinava a condição do lugar a um fenômeno do meio, para utilizar o discurso da seca como um mecanismo de obter vantagens no Governo Federal, recursos financeiros.

---

<sup>4</sup>Concebida por Foucault na conhecida expressão saber-poder

Com base na divagação do que é um cenário recortado e o tempo recortado, o sertão do nordeste brasileiro vai se transformar em um espaço amontoado de mitos, símbolos, ícones, referências, citações, memórias, marcas e marcos históricos que o engessarão como este espaço cultural ao mesmo tempo que vai expor o subdesenvolvimento, o sofrimento da seca da miséria e da ignorância sertaneja.

O personagem principal da história do Sertão é o sol que resseca a terra, provoca a seca, faz murchar a plantação deixando-a cinza, borrachuda e espinhenta a vegetação local, o sol que provoca o êxodo permanente de sua gente, provoca uma luminosidade ao cenário, que segundo Durval Muniz fala sobre o nordeste: “[...] Paisagem torturada, onde as plantas de ganhos retorcidos, como mãos suplicantes, parecem ser fruto de um embate permanente, uma luta corpo a corpo pela mancha de água, pelo refrigério de uma sombra.” (2008, p. 214)

Mas também na visão e na escrita das obras trabalhadas nessa análise historiográfica, vai ser o sertão de bandidos, de heróis, dos anti-heróis, da farinha, da rapadura, das filmagens de lampião e suas peças de roupa, da felicidade, de tristeza, de beleza, de justiça e injustiça, vai ser o sertão da “Cantiga de Cangaceiro” de Marilene de Castro, do poeta Varnecki Santos do Nascimento, entre outras figuras importantes que escrevem sobre a vida sertaneja e o estilo de vida que divide opiniões, o cangaço.

Os métodos utilizados pelo historiador Durval Muniz em sua obra *A Invenção do Nordeste e outras artes*, são definidos da seguinte maneira: “Enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir do discurso local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade”. FOUCAULT (APUD 1995b, p.172). Para o pensador francês o discurso é o espaço aonde vão se alojar o saber e o poder, e reproduzido pelo autor.

Assumindo que o cenário é uma construção dialética das mentalidades, vamos pensar nos personagens dessa história, o homem que vive no Sertão e resiste como pode a todas as adversidades que sofre, a falta de assistência e de projetos de combate aos seus diversos problemas é uma realidade que ocorreu nos meados do século XIX ao início do século XX, pessoas essas, que sofriam com a injustiça da lei, por ser aplicada por administradores presos as entrelinhas de sua época, não cabe a nós procurar culpados da determinada situação, claro, assumindo as dificuldades do sertão e aceitando o ponto de vista de diversos autores que foram em fontes primárias e constataram esse tipo de “estilo de vida forçado”.

Entre lutar para sobreviver dia após dia, entre resistir às injustiças da administração vigente na época, de governadores até a famigerada Volante, o homem sertanejo e no geral nordestino será enraizado na história como um homem forte, como o próprio Euclides da Cunha chamou em *Os Sertões* (1902), resistente, cheio de ignorâncias intelectuais, preconceitos e trejeitos, um homem que vai ser intitulado como “cabra da peste” e as mulheres do seu meio como “mulher macho”. Dentro desse meio surgirá a figura do cangaceiro, homem que vem a ser a forma de resistência a administração, a figura que vai romper com as imposições administrativas de poder da época e vai assumir seu papel como ser dominante, mesmo que em âmbito regional, o modo de vida do cangaceiro sempre incomodou a administração.

Digno de destaque nesse instante é a importância fundamental dos construtores da visão de nordeste que se apresentava, do chamado Novo regionalismo<sup>5</sup>. Um dos expoentes dessa visão foi o sociólogo Gilberto Freyre, com suas obras nitidamente voltadas para a valorização do passado regional. Além dele, temos os romancistas José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, que vão contribuir para o misticismo e polemicas no nordeste e principalmente no cangaço nordestino.

Regionalistas tradicionalistas pensam uma identidade regional a-histórica, um espaço estável, apolítico e natural, o interno se defendendo do externo. Procura-se a memória, o passado, relembremos, torna-se um espaço de saudade, nostalgia. Desse modo, combate-se o industrial e urbano do sul do país. Traçam o Nordeste como uma imagem discursiva que tenta evitar que os homens façam a sua própria história, mas que vivam uma história já pronta pelos antigos. Entendem que estes mesmos homens devam achar “natural” viver sempre da mesma forma as mesmas injustiças, misérias e discriminações.

Para a construção da ideia de Nordeste, foi necessária uma escrita que fugisse do seu passado turvo para que a localidade ganhasse contornos de um recorte regional à parte de todas as outras regiões do país, e isso se deu com o trabalho de literários, pintores e intelectuais para definir o espaço Sertanejo como fonte de análises culturais e geradora de saberes, um cenário do cangaço sertanejo foi decisivo para se ganhar foro de realidade, uma

---

<sup>5</sup> Além de defender uma integração voltada para a abertura comercial, o novo regionalismo difere da fase anterior em relação à importância que se dava ao processo de industrialização. Como observa Braga (2001), na atual fase, não se dá mais ênfase à criação de indústrias, como no regionalismo da década de 1960, pois o processo de industrialização já aconteceu na região. Dado a este fato, o regionalismo aberto busca tornar mais eficiente as estruturas já implantadas.

região não apenas conceitual ou política mas uma região que tenha uma materialidade capaz de ser lembrada, revisitada e voltar para memória.

Um cenário de ícones memoráveis, símbolos edificantes, objetos com grande valor histórico, signos que perderam seu caráter fugido, o seu caráter equívoco, para ser moldados pelas práticas estereotipadas, de repetição, da identidade, que procura sempre criar uma forma de imitar o cenário, transformando o cenário e o recorte em uma paisagem árida de sentidos e significados, como se tentou fazer no nacionalismo, tenta-se fazer no regionalismo, uma forma de ser ver a história, negando a pluralidade da cultura regional<sup>6</sup>.

Para a lei, quem quer que pertença a um grupo de homens que atacam e roubam com violência é bandido, desde aqueles que se apoderam do salário recém-recebido de um trabalhador numa esquina até rebeldes ou guerrilheiros organizados que não seja oficialmente reconhecido como tal, do ponto de vista social, parece ocorrer em todos os tipos de sociedade humana que se situa numa fase de organização tribal em um estágio de desenvolvimento organizacional permeada por outra capitalista e moderna, no caso do nordeste, uma população subdesenvolvida e esquecida em seu contexto regional, ao lado de várias cidades de alta produção e geradora de muita renda, que seriam as capitais sulistas, Sul, sudeste e até mesmo centro-oeste do país, assim como diz Eric Hobsbawm no seu livro intitulado “Bandidos”:

As sociedades tribais ou familiares praticam correntemente a pilhagem, mas lhe falta a extradição interna que cria o bandido como uma figura de protesto e rebelião social. (2010, p.37)

Contudo, a criação da figura do bandido vai se diferenciar em partes a do cangaceiro, não defendendo que o cangaceiro é bandido ou não, se é vilão ou herói<sup>7</sup>. O nascimento da figura do cangaceiro, desse personagem do enredo, vai se dar exatamente por ele ter nascido e se criado em todo o contexto explanado anteriormente e com uma cena final particular de cada figura que dá o despertar para o cangaço. Citaremos aqui o mais conhecido deles no âmbito popular, o de Virgulino Ferreira da Silva, o Capitão Lampião, que sua cena final foi exatamente a da morte de seu pai, entrando assim para a vida do cangaço para vingar o

---

<sup>6</sup> Tendo em vista que a noção de nação e povos é uma comunidade imaginada (Anderson, 1983), ou seja, um sistema de representação cultural que busca unificar um todo heterogêneo, uma estratégia do nacionalismo que vai repercutir no regionalismo.

<sup>7</sup> Mesmo esse que vos escreve entende que ele se encontra na denominação de anti-herói, não entraremos nesses méritos pessoais, e sim nos méritos apartidários das polemicas, vamos verificar apenas as releituras das figuras e de seu estilo de vida.

mesmo, tudo isso por conta de uma rixa familiar, que o autor Hobsbawm também vai comentar:

[...] quando tais comunidades, especialmente aquelas familiarizadas com as rixas de sangue e a pilhagem, como as de caçadores e pastores, desenvolvem seu próprio sistema de diferenciação de classe, ou quando são absorvidas por sistemas econômicos maiores, construídos sobre o conflito de classes, podem gerar um número desproporcionalmente grande de bandidos sociais [...] (2010, pág. 37)

Exatamente como foi dito na citação, aconteceu no cangaço nordestino, se tem várias possibilidades de criação dessa resistência, que é o bandido social, sendo esse o bandido perante a lei que devido as injustiças da administração é levado as graças do povo de sua época, pelo fato de resistir as imposições, e muitas vezes serem menos perigosos que o próprio sistema de poder, que vai ser o caso dos cangaceiros em vários relatos, e que vai ser a própria defesa de lampião, em vários de seus relatos em que o cangaceiro diz “[...] sei roubar, sei matar, ferrar e surrar. E os macacos com os oficiais só sabem matar, roubar, espancar e desonrar.”<sup>8</sup>, usa o discurso para justificar suas próprias ações, que vão ser melhores do que as ações dos oficiais, da volante, ou como citado no recorte, os “macacos”.

O banditismo social nasceu de forma muito diferente. Teve a sua base em fatos de natureza econômica e social. Jagunço, cabra, bandoleiro ou cangaceiro, era o inadaptado à civilização litorânea, o retardatário, o reacionário contra as normas de uma nova sociedade. Surgiram, em grupo, ao aceno de um companheiro mais terrível.

No quadro do banditismo do Nordeste houve uma divisão em dois grandes grupos: o primeiro constituído pelo jagunço ou capanga que sempre figurou como bandido comum, um mercenário ou guarda-costas, também conhecido como pistoleiro, a serviço do poder econômico nas lutas em torno de limites de propriedades entre famílias ou políticas; o segundo formou-se com os cangaceiros que, de certa forma podem ser apresentados como "bandidos sociais", uma vez que eram apoiados pela comunidade, a qual legitimava os seus atos e colaborava no fornecimento de alimentos, esconderijos e informações.

A figura do cangaceiro sendo tratada de uma forma teórica é exatamente a do bandido social tratado no livro já citado “Bandidos” e sua figura e existência depois de construída vai trazer diversos fatores de mudança na sua convivência, no caso, no estilo de vida cangaceiro.

---

<sup>8</sup> Jornal O Ceará: 15/05/1929 APUD PEREIRA, 2000, p. 195.

A lenda do cangaceiro entre os próprios moradores da região é um fenômeno curioso, pois o imenso prestígio pessoal dos bandoleiros famosos não impede que sua fama seja um tanto efêmera, vivem e são criados e revisitados pela população que os cerca, porém, provavelmente, que esses bandidos sociais de antigamente sobreviveram por que não são admirados apenas por populares comuns, e sim no caso do cangaço, pelos coronéis, e donos de grandes fazendas, que vão utilizar o serviço desses homens para os seus próprios interesses, criando assim uma relação de favores e de poder, esse personagem vai ter o nome de Coiteiros<sup>9</sup>.

A fama e a sedução do estilo de vida do cangaço são sempre representadas nas literaturas de cordel, que trazem as figuras emblemáticas do cangaço como talvez o primeiro cangaceiro Jesuíno Brilhante, Zé Baiano que foi cangaceiro pelos anos 20/30 e ficou conhecido por ferrar mulheres com as iniciais do seu nome e o que teve mais “sucesso” tanto na longevidade quanto na preservação do estilo de vida e fama, Lampião. Dentre vários cordéis que retratam histórias fictícias ou verídicas, usando um modo de escrita voltado para o humor, para a ironia e até mesmo provocações, como por exemplo: A história de Antônio Silvino, por Francisco das Chagas Batista sem data de publicação e os versos de pabulagem bradado em combate pelo famoso cangaceiro da segunda metade do século XIX, Luís da Câmara Cascudo, Flor de romances trágicos, 1966, esses e outros poemas sendo fontes primárias ou não é que vão salvaguardar toda uma gama de saberes sobre o cangaço, o cordel como personagem dessa história tem como função, informar, divertir, passar o tempo e proteger a história do cangaço nordestino.

O cordel é usado muitas vezes como propaganda do banditismo no nordeste dessa época, atrativo para pessoas que poderiam se encaixar nas fileiras do movimento, que seriam segundo os autores, demonstrações de valentia, rápida capacidade de raciocínio de guerrilha, e posteriormente a prática da costura, em um trecho de um cordel de 1949 podemos verificar essa construção:

“Minha mãe me dê dinheiro  
Prá eu comprar um cinturão  
que a vida melhor do mundo  
é andar mais Lampeão;

---

<sup>9</sup> Os coiteiros eram os indivíduos que davam asilo aos bandidos ou os protegiam, em decorrência de parentesco, simpatia, interesse ou medo.

Minha mão e me dê dinheiro  
Prá eu comprar um caminhão  
Prá encher de moça bonita  
e mandar pra lampeão.”<sup>10</sup>

Um retrato de uma imagem de uma construção cômica da figura de lampião, ao mesmo tempo em que uma apologia ao modo de vida da mesma figura.

O termo cangaço já era conhecido desde 1834, e se referia a certos indivíduos que andavam armados, com chapéus de couro, carabinas, cartucheiras e longas facas embainhadas batendo na coxa. Levavam as carabinas passadas pelos ombros, tal como um boi no jugo, na canga. Daí decorreu a significação cangaço e dela derivando o vocábulo cangaceiro, para identificar aquele bandido do sertão nordestino, que andava sempre fortemente armado.

Sendo os bandidos do sol notoriamente mulherengos e como tanto seu orgulho como sua própria condição de bandido requerem tais demonstrações de virilidade, o papel da mulher no início do movimento vai ser de amantes, e ao final do evento com o bando de lampião, a mulher vai ganhar papel entre os vários personagens da trama, vai ter espaço no bando de cangaceiros e vai ganhar grande notoriedade. É fato que as mulheres não eram permitidas nas linhas de frente do movimento, então, qual foi o motivo que fez esses líderes juntamente com seus homens mudarem de ideia?

Vamos ter apenas suposições do que ocorreu para a entrada desse personagem, mas, segundo Frederico Pernambucano de Mello, autor do livro, “Guerreiros do sol” (2011)<sup>11</sup> e “Estrela de couro – a estética do cangaço” (2010), em algumas entrevistas, vai teorizar, que lampião, o arauto desse costume, observou a coluna prestes caminhando com todos os homens de armas a caminho de um conflito e atrás as “mulheres de acampamento”, que eram aquelas mulheres, muitas vezes seguindo seus maridos pois não tinham onde ficar, ou as que já não tinham onde ficar e viam uma oportunidade de sobrevivência, daí segundo Frederico, Lampião percebe que a presença dessa figura – feminina – é um diferencial a favor de quem a possui.

As mulheres do cangaço não ficaram enraizadas na lembrança como mulheres de acampamento ou amantes dos bandidos sociais, elas pegaram interpretaram os personagens

---

<sup>10</sup> O Mossoroense, 12/06/1949 APUD PEREIRA, 2000, p. 200.

<sup>11</sup> A primeira edição do livro é de 1984.

lado a lado com os homens, tento sempre suas particularidades, como já foi falado anteriormente, o nordestino é uma figura que através do sofrimento se torna um sujeito forte e vigoroso, que através das dificuldades vai amadurecer para as mesmas e endurecer, não vai ser diferente com a mulher nesse meio, principalmente com a “cangaceira”, que assiste a morte de perto e convive com o banditismo. Maria Gomes de Oliveira, mais conhecida pelo apelido de Maria Bonita<sup>12</sup>, foi uma integrante de um grupo de cangaceiros, liderado por Lampião. Foi mulher, embora não casada oficialmente de Lampião, vai se mostrar muitas vezes benevolente, intercessora, mas que se for pesquisada em um saber popular ainda vai ter como principal característica o título de “mulher macho”.

Vemos agora o cangaceiro, indiscutivelmente o personagem mais destacável e complexo de rodo o elenco que estamos analisando. Em um estudo comparativo dois grandes ciclos nordestinos que são respectivamente, o da cana de açúcar e o do cangaço, vêm afirmando Câmara Cascudo que o ciclo da cana de açúcar não pode ter produzido o cangaço<sup>13</sup>, porém, em alguns casos podemos verificar que a figura do homem do cangaço disputa com o próprio vaqueiro a conjuntura no representar do modo mais completo o conjunto dos atributos e qualidades que caracterizam o homem do ciclo do gado. As noções de independência, improvisação, autonomia e livre-arbítrio fazem da figura um imã de trejeitos culturais resgatados. Vale se alentar que ninguém no Brasil o “dar asas soltas” a aventura, poetizando, e ao arrojo pessoal, ninguém mais que o cangaceiro soube gozar e sofrer a um só tempo, as peculiaridades de um viver nômade.

Mas vale se alentar de que o interesse pelo cangaço não teve fim e continua intenso, prova disso é o trabalho construído aqui. Na cultura popular brasileira, os cangaceiros inspiram ainda até hoje folhetos de cordel, e o casal Lampião e Maria Bonita é reproduzido como bonequinhos de barro entre outras formas de manifesto cultural.

Entre personagens e cenários, vamos tentar perceber toda essa importância nas produções historiográficas dos anos 80 no próximo capítulo, ao analisar produções desenvolvidas tendo como temática fundamental as representações do cangaceirismo presentes na literatura de cordel.

---

<sup>12</sup>Maria Bonita nasceu no dia 8 de março de 1911 no município de Paulo Afonso

<sup>13</sup> Luís Câmara Cascudo, *Tradições populares da pecuária nordestina*, pág. 9.

## CAPITULO II - NAS LINHAS DA HISTORIOGRAFIA

*"Foram esses retratos, de que o Senhor fala que me inutilizaram. Se não tivesse deixado fotografar-me, seria desconhecido e já poderia ter desaparecido, sumindo-me no mundo, indo-me para longe, ganhar a vida tranquilamente, sem atribulação dessa angústia constante de ser perseguido".<sup>14</sup>*

Nos termos do antropólogo Clifford Geertz<sup>15</sup>, a cultura é uma teia de significados tecida pelo homem. Essa teia orienta a existência humana, e é esse conceito que estamos adotando nesse capítulo, trocamos a escrita econômica e política por uma escrita da história cultural a partir dos elementos da mentalidade e do imaginário, trabalhando o conceito de cultura no “plural”, Culturas, atrelando ao mesmo o grau de maior importância para analisar fatos, e a criação a partir disso, dar novos elementos de análises históricas.

A imagem do bandido assim como a do herói se fazem presentes em variados contextos, assim como se faz presente dominantes e dominados, aos quais os personagens se encaixam perfeitamente. Muitos desses passam de uma existência real para uma ficcional ou vice-versa, já que subjetivamente os sujeitos vão atribuindo a esses toda uma gama de narrativas e sobre essas suas “histórias reais” são criadas narrativas exóticas, heroicas, covardes, misteriosas, tentando assim, legitimar o lado bom ou mal do bandido, o heroico ou o cruel. Fato é que o herói e o bandido são faces de uma mesma moeda.

O historiador Eric Hobsbawm imaginou o bandido social, a partir de lendas e mitos, ele não existe na realidade e diz também que os Bandidos Sociais são “heróis de baladas”, de histórias e mitos característicos que se mesclam simultaneamente com homens de carne e osso, que vivem em um estreito relacionamento com a imagem que deles fazem o povo. O bandido é assim uma figura presente em todos os tempos e possivelmente em quase todas as regiões do mundo. No Nordeste brasileiro, o autor irá identificar Lampião e os seus “cabras” como um tipo peculiar de bandido social, vendo o movimento por ele encabeçado como Movimento Social Pré-Político, já que na sua concepção esses movimentos estão longe de ser marginais, pois eles estão na origem e na própria raiz das grandes reviravoltas revolucionária

---

<sup>14</sup> 4 de Junho de 1928, numa entrevista de Lampião ao jornalista José Alves Feitosa, do jornal A Noite.

<sup>15</sup> PhD em Antropologia nos estados unidos, e criador da antropologia simbólica.

do século XX. O cangaço foi um movimento que esteve presente em quase todos os períodos da formação histórica do Nordeste sertanejo brasileiro.

No ano de 1990, foi publicado o livro “Cangaço: A força do coronel”, muito parecido com panfletos políticos, pelo jornalista Júlio J. Chiavenato, que hoje é professor doutor em administração e também filósofo, escreveu um trabalho bem diferente do habitual. Segundo o autor, inúmeros heróis da historiografia oficial não são nada mais que simples criminosos, a começar pelos bandeirantes que conseguiram estabelecer um território imenso, em troca do desaparecimento de numerosas tribos indígenas. Os grandes latifundiários são outros criminosos. Tomaram enormes propriedades pela força e as mantêm do mesmo modo. No decorrer dos séculos, empregaram pessoas que eram pagas para fazer entender e manter seu poder pela intimidação, pela violência e pelo assassinato.

A partir do fim do século XX e final do XIX segundo Chiavenato, no Nordeste, foram os cangaceiros que "protegeram" os coronéis contra os retirantes e outros miseráveis. Os nordestinos que entraram no cangaço sentiam a necessidade de vingarem-se de humilhações sofridas. A vingança era motivada tanto pela opressão social quanto a fatores pessoais. Recuperar a "virilidade" implicava matar aqueles que estavam na origem dos seus problemas. Chiavenato também ataca os mitos que cercam os cangaceiros. Segundo ele, Lampião e outros não foram estrategistas excepcionais, mas este era um argumento útil à polícia que podia explicar deste modo a sua falta de sucesso no combate aos cangaceiros, em vez de admitir a própria incompetência, sua corrupção ou conivência que é um fator que vários autores concordam: a corrupção na polícia.

O tenente João Bezerra fornecia regularmente armas a Lampião e, segundo o autor, Lampião sabia que Bezerra estava preparando uma "tocaia" em Angico, mas esperava encontrá-lo para comprar armas dele e não para ser morto. Em seguida, Chiavenato enumera os diferentes mitos estabelecidos em torno dos cangaceiros: o povo e os cordéis, que transforma Lampião em herói, o intelectual que vê no cangaceiro, o sertanejo revoltado contra o sistema do poder existente e os jornalistas, querendo ajudar a ideologia do Estado Novo, alegando que os cangaceiros eram responsáveis pela miséria do sertão.

Chiavenato escreve a obra como jornalista e intelectual de sua época, e a mesma está ligada a tal, sem compromisso com as várias forma de visão historiográfica, a obra é uma compilado de críticas e teorias de como ocorreu o cenário e eventos no Nordeste, alguns

fatores cruciais são retratados, e outros totalmente ignorados pelo autor, entre eles, a análise das várias formas de resistência para a escrita, por exemplo: o porquê do povo sertanejo mitificar a figura do lampião, ou ir contra todos os indícios de lampião ser um bom estrategista.

Reprova as atitudes dos cangaceiros, sobretudo sua violência, mas a violência da polícia era ainda pior uma vez que, às vezes, esta torturava. E, desde então, a situação dos nordestinos não se modificou muito. Sente certa simpatia para com os fanáticos, mais revolucionários do que os bandidos. Neste aspecto tem o mesmo ponto de vista de Hobsbawm, mas considera Padre Cícero o mais poderoso coronel. Se entusiasma com as cangaceiras, estas mulheres que conseguiram sair do meio opressor típico do Nordeste e se emanciparam, lutando como os homens e tendo relações sexuais em pé de igualdade.

O Supracitado Frederico Pernambucano de Mello, um dos estudiosos mais sérios do assunto, começou a publicar sobre cangaço em 1974 e elaborou suas ideias em *Guerreiros do Sol*; o banditismo no Nordeste do Brasil, de 1985. Mello definiu três tipos de cangaço, o cangaço de rapina ou cangaço-meio de vida, o cangaço de vingança e o cangaço refúgio. A maioria entrava no cangaço porque precisava se vingar: no caso dos quatro mais famosos, Jesuino Brilhante, Sebastião Pereira, Antônio Silvino e Lampião, um parente próximo foi assassinado e o assassino não foi punido. No caso dos dois últimos, o pai foi morto.

“É o que se passa, por exemplo, com a violência empregada na satisfação de um ideal de vingança, em que o gesto de desafrontar é visto como um direito e até mesmo um dever do afrontado, de sua família e de amigos e de amigos mais chegados. Já disse Gustavo Barroso eu, “no sertão, quem se não vinga esta moralmente morto.” (MELLO 1985, pag. 63)

Não se trata apenas de vingança por vingança e sim um costume cultural de propagar a violência por vingança e se não feita, vista como vergonha maior para que não a praticar, um quase ritual presente na criação do indivíduo sertanejo.

O cangaceiro da última categoria, o cangaço-refúgio, já se vingou mas precisa da proteção do grupo contra as autoridades. Um exemplo, neste caso, é Ângelo Roque da Costa que assassinou o estuprador da sua irmã, mas teve depois de fugir das represálias de sua família poderosa. O cangaço de vingança e o cangaço refúgio podem ser considerados como uma só categoria, o que Mello, aliás, modificou na sua segunda obra que será citada.

Os grandes personagens do cangaço de vingança foram Jesuíno Brilhante e Sebastião Pereira, para o cangaço, meio de vida os exemplos são Antônio Silvino e Lampião, todos termos usados por Frederico em guerreiros do sol. Foram vingadores que permaneceram no cangaço porque o trabalho ainda estava inacabado. Para isto, o mesmo introduziu o conceito do “escudo ético”<sup>16</sup>, a desculpa da qual bandidos se serviam para entrar, ou, antes, permanecer na vida de bandido, porque, supostamente, a vingança ainda não estava completa.

A interessante categoria de “escudo ético” apresentada por Frederico está já contida na tábua de valores do sertanejo e este o identifica nos atos de Lampião. O escudo ético é a forma através da qual o cangaceiro profissional justifica a sua adesão à vida criminoso. Mas a sua própria conduta já não condizia com seu discurso; ao não se vingar dos assassinos de seu pai, já era possível identificar nas ações de Lampião o perfil do bandido comum, utilizando o cangaço como meio de vida.

Porém, se esta vida, de vez em quando, tinha vantagens, também tinha muitas desvantagens. Mas o conceito trabalhado pelo autor em si é válido: certos bandidos preferem dar uma desculpa de honra a dizer que estavam à procura de aventura ou bens materiais. Entretanto, nem sempre é o caso. Silvino não queria ter "soldados" inteligentes no seu grupo. Quando alguns dos integrantes do seu bando foram capturados, explicaram à polícia que entraram nesta vida a pedido de Silvino. Rio Preto e Balisa contaram até que foram forçados a se juntar ao grupo, mas isto parece pouco provável já que é perigoso dever contar com pessoas que não estão lá, por vontade própria. Silvino era prudente demais.

Frederico Pernambucano de Mello mencionou em entrevistas, que lamentava ser uma das melhores biografias sobre Lampião produzida pelo americano Bijly Jaynes Chandier. Depois Frederico produziu um ensaio biográfico sobre Lampião, intitulado Quem foi Lampião (1993)<sup>17</sup>. Mello começa com algumas considerações gerais sobre o cangaço, o pano de fundo do cangaço e de alguns cangaceiros. Descreve minuciosamente toda a indumentária usada pelo cangaceiro, tipo, até a qualidade do tecido, cores, as decorações, as joias e as armas. Mello é um grande conhecedor de armas. Em todas as descrições, salienta a qualidade superior dos pertences de Lampião, o seu gosto luxuoso.

---

<sup>16</sup> Há o escudo ético segundo Frederico decorre da moral sertaneja nordestina. Parece ser um epifenômeno decorrente para justificar a criminalidade.

<sup>17</sup> Quem foi Lampião. É um ensaio bibliográfico.

O retrato de Lampião e da sua vida é bem detalhada. Porém, o fato de a obra concentrar-se neste retrato, leva de certo modo a um desequilíbrio, por dar uma impressão de atuação isolada, o que nem sempre era o caso. Uma observação parece estranha, porque esperar que Lampião ia ser generoso e ajudar o povo sofrendo no sertão? Afinal se enquadrava perfeitamente na sociedade nordestina, sertaneja, apesar de cangaceiro, em entrevistas dadas por Frederico no programa “provocações” da TV cultura, ele deixa claro sua admiração pelo cangaço e estilo de vida de Lampião o que é reflexo em seus livros.

O grande mérito deste livro é que Mello tem a capacidade de criar o ambiente da vida do cangaceiro e do cenário sertanejo. Um elemento interessante nas obras de Frederico é a quantidade de documentos incluídos em anexo. Apesar deste trabalho importante, há ainda muita pesquisa séria a fazer sobre o cangaço e cangaceiros, além de Lampião, que depois de anos de pesquisa, vai lançar outro livro com tema cangaço: Estrela de Couro – A estética do cangaço (2010).

Resultado de uma pesquisa minuciosa do autor, desta vez, abordando especialmente a estética, os símbolos e os trajes de Lampião e os cangaceiros do seu bando, Corisco e outros bandoleiros emblemáticos. Utilizando uma linguagem poética, que foi herdada de suas construções e influências de Gilberto Freyre e Evaldo Cabral de Mello.

Em um ambiente cinzento e árido, usariam roupas coloridas, trabalhadas com esmero, com o objetivo maior de lhes proporcionar uma voz singular, um rosto, uma personalidade. Os símbolos “mágicos” nos chapéus, por outro lado, cumpririam não só uma função estética, mas também lhes dariam proteção, ou seja, uma “blindagem mística”. Por isso, o uso de signos de Salomão, estrelas de oito pontas, cruz-de-malta e flor-de-lis, por exemplo, vestígios quinhentistas e seiscentistas que teriam permanecido até quase meados do século XX, uma clara referência do autor à força exercida pela cultura e pelas mentalidades dentro de uma análise histórica de longa duração.

Descreve como já fez antes a vida dos cangaceiros, seu cotidiano nas agruras do sertão e agreste nordestinos, trazendo de volta à vida aqueles que, segundo ele, são um exemplo nítido do “irredentismo coletivo, armado, popular e metarracial brasileiro”<sup>18</sup>. Pelas palavras de Frederico para justificar seu trabalho, “os objetos falam”. E é justamente através dos objetos, muitos de sua coleção particular, que o autor penetra no mundo dos cangaceiros, seus

---

<sup>18</sup> Irredentismo indica a aspiração de um povo a completar a própria unidade territorial nacional, anexando terras sujeitas ao domínio estrangeiro, no caso dos cangaceiros, contra as regras do governo federal.

hábitos, seu estilo de vida, mostrando o lado “feminino” que tem a figura emblemática de lampião, levantando questões não vistas ainda, como a prática da costura pelos cangaceiros.

O fluxo de publicações sobre o cangaço parece não acabar. Os anos oitenta e início dos noventa viram uma quantidade de obras de origem bem variadas e isto parece continuar. Os autores são personagens diretamente ligados ao cangaço, publicando as memórias de ex cangaceiros, de ex militares ou de descendentes; também nordestinos continuam a interessar-se por este tema tanto em biografias quanto em mitologias relacionadas.

No trabalho de pós-graduação da professora doutora Auricélia Lopes Pereira, O rei do cangaço e os vários lampiões, a autora vai basear seu trabalho em fontes primárias como: cordéis, recados, entrevistas, fotos e filmagens feitas por lampião ou com o mesmo, e ao contrário de alguns autores vai afirmar seu comportamento de bandido perante o contexto social, utilizando exatamente afirmações feitas pelo próprio lampião.

A autora utilizara o próprio discurso do cangaceiro em seu trabalho para incriminá-lo e atribuir culpa e sentido na construção de sua imagem:

“Sua fala nem um pouco constrange ao denunciar a si mesmo como sujeito que mata e surra; nenhum crivo, nenhum pedido de desculpas. Seu lugar frente aos jornais não é lugar criado por um bandido arrependido, castrador de seus próprios atos, descolonizador de seus próprios gostos.” ( 2000 Pag.196 )

Outra teoria escrita e trabalhada pela autora sobre o cangaceiro Lampião é o de ser o divulgador e criador da sua própria imagem e administra-la, os feitos e escritos são feitos de uma forma a moldar uma visão de si próprio não como bandido ou pior bandido, o fato do personagem não negar ser bandido, porém, para si a não realização de práticas que não “desonrassem” ninguém já o tornava melhor que os “bandidos” do governo, a volante.

A grande influência de sua imagem rompe barreira até os dias de hoje e criam polemicas e discussões sobre autores, onde Frederico acha um história cultural que é totalmente predestinada e um homem justificado pelo seu tempo e espaço, Auricélia vê uma figura que vai moldar o tempo ao seu redor e deixar marcas e influencias em todos os âmbitos e formas de comunicação e crença aquilo que causa, que provoca riso, um campo das mentalidades e das influencias, como na citação:

“Aquele passageiro das caatingas articulou seu poder principalmente, a partir da ordenação de um campo do risível. Sua fala, seus recados, suas cartas, deslocou

poderes cristalizados, lugares instituídos. Suas palavras instauram poéticas risíveis, deslocamentos instantâneos da norma e da ordem.” (2000, pag.197)

As influências desse personagem não só feitas para influenciar no campo das mentalidades e cultural, mas que o torna um administrador indireto do sertão pernambucano, suas cartas endereçadas ao governador com propostas de divisão do estado, ameaças indiretas ao poder administrativo, sua autopromoção diante de autoridades e tentativas ou desejos de pertencer a administração pública em si, é outro diálogo que pode ser observado. Frederico defende a ideia de que Lampião só desejava proteger e manter seu estilo de vida nômade e livre, onde tinha o poder de escolher seu próprio destino, afirmações essas que se pode ver em sua própria fala “[...] e que só deixará essa vida se fizerem dele o presidente do Brasil.”<sup>19</sup> E ainda em sua tentativa de ser candidato nas eleições.

Bandido, Afirmado por si mesmo e pela historiadora Auricélia, porém com uma análise detalhada da construção da imagem heroica que lhe é atribuída, baseado na comparação do bando de lampião com a volante, de suas entrevistas que o mesmo afirma suas ações e não se arrepende, cordéis e poesias regionais que eram o meio de comunicação e entretenimento, mas que também boa parte se aplica a maioria dos cangaceiros e sua fama em geral

## **2.1 LITERATURA DE CORDEL, REPRESENTAÇÃO TRADICIONAL DA HISTÓRIA.**

A literatura de cordel que, em sua tradição ibérica, estava ligada à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas da memória popular, foi conservando e transmitindo os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de guerras, de viagens ou conquistas marítimas. Mas, paralelamente, começou a surgir, no mesmo tipo de poesia, a descrição de acontecimentos sociais recentes que detinham a atenção da população.

“O nome de literatura de cordel vem de Portugal” (DIÉGUES JR, 1977, p.3) e os folhetos eram presos por meio de um pequeno cordel ou barbante, sendo expostos nas casas em que eram comercializados. Pode-se acrescentar que esse tipo de poesia está relacionado ao romanceiro popular, vínculo criado porque se apresenta como romances em poesia e o tipo de narração que descreve.

---

<sup>19</sup> Jornal: O Ceará: 19/04/29

Há alguns registros que relatam que esses folhetos ou folhas soltas, presos a cordéis, eram vendidos por cegos a baixo preço. Antônio José Saraiva e Teófilo Braga informam “que se estabeleceu o privilégio aos cegos de venderem a literatura de cordel, o que lhes foi concedido por provisão régia” (APUD DIÉGUES JR, 1977, p.5).

A necessidade de se deixar registrados fatos, “causos” e ocorrências, em tempos passados, foi a responsável pela criação de uma literatura de massas, que abrangia todos os temas da região, do país e, até, do mundo. A Literatura de Cordel, com a sua maneira simples de ser compreendida, veio substituir os antigos menestréis na divulgação desses fatos. Era como se fosse um jornal itinerante, escrito em forma de poesia, de aquisição fácil e barata.

A literatura de cordel surgiu de condições sociais e culturais peculiares do Nordeste assumindo, hoje, características próprias da fisionomia cultural da região os fatores de formação social que contribuíram para isso, são:

[...] a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre outros fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumentos do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular. (DIÉGUES JR, 1977, p.6)

Outros centros divulgadores desses folhetos, além do Estado do nordeste foram São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Goiás, Belém do Pará, está com uma casa editora para toda a Amazônia, Brasília (devido aos trabalhadores da construção civil). Isso se deu em grande parte, devido à própria condição do homem sertanejo em migrar para outras regiões em busca de condições melhores de vida, levando em sua bagagem a chamada literatura de cordel.

A vida familiar nordestina contribuiu para o aparecimento de atividades como “serão”, quando, sem a presença de energia elétrica, era costume formar-se uma roda em volta do candeeiro, após o jantar. A leitura de novelas, de histórias, de poesias, tornava-se o motivo e a rotina de reunião dessas famílias. Nesse caso, o alfabetizado do grupo era o leitor/contador e assim, as histórias divulgavam-se. A literatura de cordel tornou-se o meio de comunicação, o elemento divulgador dos fatos ocorridos servindo como jornal ao colocar a família a par de tudo que se passava: façanhas de cangaceiro, caso de rapto de moças, crimes, os estragos das secas, os efeitos das cheias e todas as situações ocorridas.

A história Lampião: O terror do Nordeste, de Rodolfo Cavalcante, por exemplo, situa-se na temática tradicional e permanente que trata de temas ou fatos históricos acontecidos e conservados pela memória dos poetas, como: Lampião, Maria Bonita, o Padre Cícero, entre outros.

Já nos quatro primeiros versos da primeira estrofe, o enunciador apresenta Lampião, vilão para alguns e herói para outros, dizendo que no Nordeste foi o cangaceiro mais falado. Conforme Machado (1969) há várias definições para o termo cangaceiro: a origem dessa palavra seria vietnamita ou chinesa, porém, canga seria uma expressão brasileira denominada como um pedaço de madeira colocado no dorso do animal, que, na época da escravidão colocava-se sobre o escravo. Com isso, aproxima-se da definição do homem sertanejo que colocava armas e bagagens nas costas e adentrava na caatinga, ou seja, homem que está sob o cangaço.

Na literatura de cordel, o cangaceiro em sua maioria também é representado como um indivíduo que se criou em meio a uma terra hostil sem amparo do governo e comandada, pelos coronéis que, normalmente, lideravam pequenas comunidades rurais, mas buscavam expandir seus domínios em outros territórios, daí o confronto com o sertanejo que se torna cangaceiro por força da vingança. Vejamos o trecho o qual evidencia o cangaceiro Lampião e enuncia nos três últimos versos que se ele não fosse cangaceiro, seria um brasileiro dedicado ao Estado, ou seja, dá ênfase à determinação na luta por seus direitos. Esse discurso revela uma visão dividida do nordestino em relação a Lampião, ao mesmo tempo em que o teme e abomina a violência de seus atos, considera um homem determinado.

“Falar sobre Lampião  
É tema nunca esgotado  
Pois foi ele no Nordeste  
No cangaço o mais falado  
Se não fosse cangaceiro  
Talvez fosse um brasileiro  
Dedicado ao seu Estado.”  
(CAVALCANTE, 1983, p.1)

A partir daí o cordelista vai construindo a saga de Antônio Virgulino da Silva, apelido de Lampião, um cangaceiro do Nordeste que virou matador depois do confronto entre famílias que culminou na morte dos pais dele:

“Ao morrer seu velho pai  
Lampião o sepultou  
E partiu para as caatingas  
Com um rifle que se armou,  
Escreveu ele a história  
Da sua vingança inglória  
Que o sertão presenciou”  
(CAVALCANTE, 1983, p.3)

Conforme Machado (1969), o sertão de mandacaru, planta arborescente, foi o palco de Lampião e seu bando. Seus seguidores surgiram devido à fome e à miséria, e para enfrentar a morte e não morrer invadiam as cidades, causavam mortes e saques por onde passavam, principalmente, aqueles que não contribuía, a morte era certa. Porém, tanto discernimento no tocante à invasão, saqueando e matando, só foi possível graças às estratégias eruditas de guerra desenvolvidas mediante o modo agressivo da vida sertaneja.

O outro fator foi a comunicação, porque sertanejos e bandidos falavam a mesma língua, com isso, um comunicava com o outro, por exemplo, quando as volantes, forças policiais do governo estavam à espreita, os amigos do cangaço mais conhecidos como coiteiros levavam o recado ou serviam de guias para o bando de Lampião invadir a cidade, havendo, desse modo, o apoio do povo.

As estratégias de Lampião tomaram status de técnicas de ação militar, sem que tivesse tido contato com técnicas de guerra militar. Como vemos em um trecho que narra uma invasão de Lampião e seu bando:

“No lugar que ele passava  
Rio de sangue corria,  
Castrava, matava gente,  
Toda maldade fazia,  
Quando alguém o sonegava  
Qualquer dinheiro, matava  
E tomava o que queria.”  
(CAVALCANTE, 1983, p.4)

A imagem que se constrói no discurso acima sobre Lampião é que além de ele ter técnicas de invasão de guerra, era um sertanejo frio, sem compaixão e perigoso, pois “por onde ele passava, rio de sangue corria”. Esse discurso enraizava o modo do sertanejo e a

construção mitificada da figura de Lampião como um bandido perigoso e cruel propagada por todo o nordeste.

Um fato curioso dos cordéis e da representação de Lampião nos folhetos são suas crenças, pois adorava Padre Cícero chamado carinhosamente por “Padim Padi Ciço”, nome adotado pela multidão de fiéis nordestinos que encontram no religioso a força para resistir à seca e ao esquecimento do governo, a figura do Padre Cícero também é frequente nos folhetos de cordel, constituindo como temática a religiosidade do nordeste.

Esses dois personagens do Nordeste representam duas posições sociais diversas em relação aos problemas ocasionados pela seca – de um lado, um bandido, um fora da lei que busca fazer justiça com suas próprias mãos, desrespeitando o governo e as normas sociais, de outro, um religioso que, considerado um santo pelo nordestino, intercede junto a Deus por esse povo sofrido e injustiçado.

O poeta Cavalcante, ao narra essas histórias expõe seus valores sociais, suas crenças, suas ideologias inseridas nesse contexto de injustiças e desigualdades. Na estrofe a seguir, podemos comprovar essa relação entre a força espiritual oposta à força física, ambas utilizadas para enfrentar as dificuldades do sertão, sobretudo, a miséria:

“Adorava Padre Cícero  
O Santo do Juazeiro  
E por isso diz o Povo  
Nunca ofendeu um romeiro.  
É coisa que acredito  
Mesma de gênio esquisito  
Tinha fé o Bandoleiro.”  
(CAVALCANTE, 1983, p.7)

Outra personagem tradicional e constantemente retomada pelos folhetos trata-se de Maria Bonita, esposa de Lampião: uma sertaneja corajosa e de espírito aventureiro. Machado (1969) afirma que foi por volta de 1930 seu ingresso no grupo de cangaceiros e que enfrentara o perigo lado a lado com os homens, mesmo quando estava grávida.

Com isso, ela entre outras, não era empecilho, porque ajudava os companheiros nas batalhas e não desistia nunca, seguindo firme até a morte ao lado do marido, pois morreu

numa emboscada comandada pelo capitão Bezerra que cercara a localidade de Angico onde se encontrava Lampião e o seu bando, como é retratado nessa estrofe:

“Lampião numa emboscada  
A sua vida perdeu,  
Também Maria Bonita  
Nesse combate morreu,  
Na ‘Fazenda do Angico’  
Findou-se todo conflito  
Do chocalho que se deu.”

(CAVALCANTE, 1983, p.8)

O cangaço significava violência e medo, para uns, e heroísmo, valentia ou justiça para outros, revelando-se, portanto, como um objeto polimorfo cercado de significações das mais diferentes. É um objeto social que se encontra enraizado nas práticas culturais do homem nordestino, estando sua representação em constante reelaboração.

No cordel “Adolfo Meia Noite”, do autor José M. Lacerda (s.d), mostra o início da vida do jovem Adolfo no cangaço, é um retrato da violência e da supervalorização da honra no nordeste pernambucano, a crueldade das ações dos coronéis e forças políticas, ligadas diretamente as famílias poderosas, como podemos ver no recorte:

“Manda três cabras pegar  
Meia Noite e amarra-lo  
Num tronco colonial  
E fortemente açoita-lo  
Chegando em casa ferido  
O pai muito ressentido  
Recusou-se a abençoá-lo.”

(LACERDA, [s.d.], p.3)

E após se vingar do tio, que mandou açoita-lo, para obter perdão do pai, Adolfo Meia Noite é obrigado a fugir com seus irmãos, fugindo de mais sangue e se transformando em criminosos.

“Foge com os seus irmãos  
Manoel e Sinobileiro  
E o trio passa a viver

No vale do Rio Pinheiro  
Pela polícia caçados  
Morrem três jovens Honrados  
E nascem três cangaceiros”  
(LACERDA, [S.D.], p.4)

Os versos de José M. Lacerda são retratos ou fantasias do Sertão e do cangaço, no seu outro poema que tem como título “O Império da Caatinga” não é ficção, e sim um poema informativo sobre a extensão do evento histórico do banditismo:

“O cangaço apareceu  
No nordeste Brasileiro  
Na região semi-árida  
Abrangendo por inteiro  
Sete entre os oito estados  
Só maranhão foi poupado  
Das brigas de cangaceiro.”  
(LACERDA, [S.D.], p.9)

Dadas a popularidade e a notoriedade dos cantadores entre o público daquela região, não foi preciso muito para que seus versos e improvisos fossem transpostos para o folheto impresso, começaram a ser comercializadas em mercados e feiras, e o folheteio, para estimular a venda, aproveitava os momentos de maior concentração de pessoas, que o rodeavam para ouvir suas histórias, que muitas vezes eram numa pegada romântica ou cômica, como é o caso do autor João José da Silva, que escreveu o cordel “O Encontro de Lampião com Lampião”, estimulando o imaginário popular do encontro de uma figura icônica do cangaço com ele mesmo, que na verdade é um sósia que tenta enganá-lo, como vemos no trecho:

“O cabra fugiu tremendo  
De onde estava escondido,  
Lampião olhou-o de perto  
E disse bem decidido:  
--Tu meu sósia, na verdade  
És comigo parecido.”  
(SILVA, [s.d.] pág. 29)

É muito rica e diversificada a produção cultural de um povo, o nordestino em especial. No entanto, talvez o nosso maior problema seja a não valorização daquilo que temos. É mais propício aceitar o que a mídia propõe do que explorar o que está em nosso dia-a-dia.

A literatura de cordel é exatamente isso, cultura popular. Os versos estão sempre relatando acontecimentos, fatos políticos, artísticos, lendários, folclóricos ou pitorescos da vida como ela realmente é. Sua produção é simples quando se pensa que não requer tanto “estilismo” ou “formalidades”; sua abrangência alcança todas as classes sociais.

Como recurso didático, o folheto de cordel é bem útil para explicar e chamar a atenção do estudante para o conteúdo e para o incentivo à leitura, já que é uma forma de escrita que chama bastante atenção, porém esse é um tema que veremos no próximo capítulo.

### **CAPÍTULO III: O CANGACEIRISMO E A SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM DIDÁTICA PEDAGÓGICA**

“A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca no fim do segundo milênio.”  
HOBSBAWM<sup>20</sup>

O conceito e posteriormente a valorização dos temas regionais no ensino de História veio depois do estudo de História Local e Regional, que nem sempre teve importância no mundo acadêmico, apenas a partir do final década de 1980, surgem trabalhos mais sistematizados relacionados ao tema. Isso só foi possível graças a uma nova concepção metodológica que surgiu na França em 1929, denominada de Nova História. A partir desta nova abordagem historiográfica, passou a existir uma diversificação no conceito de fonte histórica, bem como uma dinamização no objeto de estudo do pesquisador, como cita a historiadora baiana Ana Maria Carvalho de Oliveira:

(...) A Nova História, em suas diversas expressões, contribuiu para renovação e ampliação do conhecimento histórico e dos olhares da história, na medida em que foram diversificados os objetos, os problemas e as fontes. A História Regional constitui uma das possibilidades de investigação e de interpretação histórica. (...) Através da História Regional busca-se aflorar o específico, o próprio, o particular. (Oliveira, p. 15, 2003)

Usando dessa prerrogativa de valorização da História Regional e Local no espaço acadêmico, resolvemos neste trabalho, sugerir uma reflexão acerca da urgência em trabalharmos na sala de aula esta nova concepção historiográfica, uma vez que os livros didáticos e módulos privilegiam apenas um tipo de conhecimento histórico universalizado em temas de História Geral e do Brasil, muitas vezes sem significado para os alunos, uma história distante do e tempo presente e das experiências de vida do aluno, tornado a aprendizagem algo sem prazer e que não emociona, negando a perspectiva de que história é vida, sendo que a função básica do seu ensino é a construção de cidadãos críticos.

---

<sup>20</sup> HOBSBAWM, E. A Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.13

O conteúdo de história estudado na escola básico deveria ser menos mecânico e mais aplicável a um significado de vida para os estudantes, estudamos o poder apenas em uma esfera nacional e regional levando em consideração temas importantes como as práticas políticas e os símbolos usados pelos coronéis da nossa região como forma de perpetuar seu status socioeconômico.

Apesar das tentativas, dos esforços e das novas produções, é possível ainda afirmar que a história local continua “circunscrita a um grupo de entusiastas” e, “embora escrita como um trabalho de amor, é repetitiva e sem vida” (Samuel, 1989, p. 222)<sup>21</sup>.

Segundo o autor, isso se deve à natureza dos documentos, que variam pouco de um lugar para outro e, em geral, registram atos dos governos locais, o que ele denomina por “tendência administrativa dos documentos”. Outra dificuldade apontada pelo autor é a própria noção de história local como uma entidade distinta e separada, fenômeno único, como um conjunto cultural específico e periodização própria. Se, reconhecidamente, as pesquisas educacionais, historiográficas e as práticas pedagógicas indicam a necessidade de novas configurações do ensino e aprendizagem da história local, em principal a do nordeste.

O ensino de história é, potencialmente, um lugar onde memórias se cruzam, dialogam, entram em conflito; lugar no qual, também, se busca a afirmação e registro de onde se desenvolvem embates entre determinadas versões e explicações sobre as sociedades, a política, o mundo, prescritas pela instituição em que se localiza; “lugar de fronteira”, que possibilita o diálogo entre memórias e “história conhecimento escolar”, com o aprofundamento, ampliação, crítica e reelaboração para uso no cotidiano, que por muitas vezes forcem o professor a se adaptar para continuar prendendo a atenção do aluno, que hoje está sempre conectado, cheio de informações e distorções de informações. O professor passa a ser peça fundamental para moldar informações.

Essas afirmações remetendo ao conhecimento escolar nos trazem vários questionamentos sobre o ensino de história regional, a utilização do livro didático e das principais metodologias para entender os temas regionais e principalmente o cangaço e suas representações.

---

<sup>21</sup> SAMUEL R. História local e história oral. Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH, v. 9, n. 19, p. 219-242, 1989.

Vemos, principalmente a partir da década de 80, a crescente crítica à “história tradicional” (relacionada à memorização de fatos, datas e heróis), privilegiando-se novos temas e abordagens, a integração entre ensino e pesquisa, uma nova perspectiva temporal, etc., sob a influência da Nova História.

Nota-se a crescente valorização da História enquanto disciplina que deve contribuir para a formação de uma nova cidadania. Certamente, os manuais didáticos tendem a acompanhar tais mudanças, englobando-as em seus conteúdos. Trabalhamos com a hipótese de que essas transformações, embora não ocorram de modo uniforme e linear, acabam por influenciar, na prática do professor em sala de aula, inclusive no uso que este faz do livro didático, que é o que vamos analisar agora, dentro de uma cultura regional.

### **3.1- A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO**

A produção didática não tem como função principal, atender integralmente às necessidades didáticas dos professores, que a nosso ver, devem ser amenizadas por formação continuada para os mesmos, pois se observado os autores dos originais e a editoração dos livros didáticos, perceberemos que eles escrevem e projetam uma leitura histórica de um lugar e que é diferente da região em questão.

A existência de uma História e de uma Historiografia regional nos leva à conclusão de que não há a falta de pesquisas para fomentação de materiais didáticos de História regional, mas sim o compromisso de reescrever a história nacional com um olhar mais abrangente sobre as regiões que constituem a nação deixando de fora o “privilégio” de algumas localidades específicas de construir a história nacional segundo seus próprios desígnios.

Utilizando um questionário para verificar as dificuldades didáticas pedagógicas com os professores, o Prof. Me. Claudio da Costa Neto, que leciona a 3 anos no Colégio Panorama também localizado na cidade de Campina Grande, ao ser questionado sobre as dificuldades ele relata: “O acesso as fontes, os livros do MEC, ou módulos compilados, tendem a seguir as exigências do ENEM. Por isso, na grande maioria dos casos deixa de lado as regionalidades, principalmente as do nordeste, priorizando o sul e sudeste.”, essa afirmação já é bem fixa na nossa tradição escolar, como diz o autor do texto “História que os Livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil” do autor Kazumi Munakata, o mesmo vai refletir que o julgamento do livro didático deve ser feito em cima de sua facilidade de aprender e

entender, ou seja, seu caráter didático, e não no seu conteúdo propriamente dito, ele vai dizer que escrever um livro didático é fazer escolhas (MUNAKATA,1998), que não se dá para botar todo conteúdo que deseja nas poucas páginas e que não se deve escrever o livro pensado no professor de história e sim no aluno, para que o livro seja útil para o mesmo. A história que é pesquisada nas universidades pelo historiador de ofício é diferente da história que é narrada nos livros didáticos e que é ensinada nas escolas.

Considerando-se, portanto, que o livro didático ocupa um papel de destaque na sala de aula e no processo ensino/aprendizagem como um todo, que este material vem sofrendo alterações em sua forma e conteúdo e que o discurso dos professores também tem se modificado no que se refere à visão sobre como deve ser o ensino de História com vistas a alcançar os novos objetivos a ela atribuídos.

No Brasil, os livros didáticos de história pelo menos resguardam o seu público que é o professor e o aluno do risco do “nenhum saber” citado pelo autor Kazumi Munakata, por mais que a olhos acadêmicos essa história não seja a mais justa. Acabou prevalecendo como currículo de história no vazio da iniciativa do governo, e é esse conteúdo consensual dos livros didáticos, e na medida que as editoras paulistas que tem o monopólio atualmente nacional, não é exagero de a autor supor que tal currículo tenha alcançado abrangência nacional e cima de currículos como o de Minas Gerais.

É sem dúvidas, possível perceber a importância que vem sendo dada à questão do uso desse material, por professores, e a necessidade de se desenvolver pesquisas nessa área. De acordo com Kazumi Munakata, tal fato deve-se à compreensão de que este objeto é antes de qualquer coisa um material didático, que comporta vários modos de utilização, o que inviabiliza sua análise como mero repositório de ideias (certas ou erradas) que se pode ler linearmente.

Verifica-se que a preocupação com o estabelecimento de uma política governamental para o livro didático não é nova. Na década de 90, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi o centro das discussões e objeto de um grande número de estudos dentro da política do livro didático. Associado a outros programas como os Parâmetros Curriculares Nacionais, o PNLD indica uma nova postura do governo frente às transformações que vêm ocorrendo na educação brasileira. Este programa visa a regular e controlar o campo dos saberes através do livro didático.

No Colégio Particular Panorama, localizado em Campina Grande é utilizado um Modulo pronto para o ensino infantil e médio, um sistema chamado Arí de SAS, e quando levantado questionamento ao Professor Claudio sobre a eficácia do mesmo na aprendizagem da história regional especificamente do cangaço o mesmo respondeu: “O livro didático na maioria das vezes é tendencioso, parte de uma só perspectiva, o heroísmo sem lembrar muitas vezes que o cangaceiro agia como vilão, o livro é uma fonte, mas deve ser questionada sempre.”, como já vimos antes pelo autor Manakata, o livro didático ou até os atuais módulos prontos, são tendenciosos, e vai caber sempre ao profissional da educação saber criticar essa informação.

Já na Escola Sólon de Lucena, da rede pública é adotado um livro didático que é escrito pela editora SM, com título “ser Protagonista”, foi levantado a mesma pergunta ao professor mestre Rafael da Silva, sobre a utilidade do livro didático em relação ao ensino do cangaço e o mesmo afirmou: “O livro didático adotado na escola Sólon de Lucena (editora SM), restringe a dois parágrafos que são superficiais e não analisam o movimento social. Desta forma as aulas são preparadas com outros livros e textos.”, mais uma vez afirmando a importância do olhar crítico profissional dos professores, que além da dificuldade de material na rede pública passam por outras dificuldades.

Ainda segundo o Professor Rafael da Silva, quando foi questionado sobre os desafios que o professor encontra para trabalhar com o ensino de história nos dias atuais, o mesmo responde: cargas horárias reduzidas, cada vez mais enxugam o tempo das aulas de história, o que prejudica a análise do conteúdo; recursos limitados, escola com apenas um Datashow, e material de fotocópia limitado; ausência de cursos de atualização docente; falta de valorização dos professores e falta de disciplina dos educandos.” E o professor completa “parece haver um conflito dos métodos de ensino com as novas gerações.”.

Fazendo a mesma indagação ao Professor Claudio obtivemos uma resposta parecida coma questão da distância das novas gerações para com o professor e o livro didático: “O interesse dos alunos e as distorções proporcionadas pelas redes sociais[...]”, fica bem claro que os professores de gerações diferentes estão encarando uma mudança na forma de ensino e o que foi estudado na vida acadêmica vai ter que ser reformulado para atender as demandas.

“A tarefa da educação é a construção da autonomia dos indivíduos. Buscar respostas é uma tarefa do próprio jovem”. O pensamento do professor, educador e filósofo Mario Sergio

Cortella define bem a importante missão de um professor e educador. Auxiliar a nova geração a construir seu próprio pensamento é tarefa nobre e um desafio também. Em tempos de internet, games e muitos estímulos, como acompanhar esta geração e deixá-la interessada em sala de aula? Nunca houve tantas fontes de informação nem tanto acesso a elas. Em uma de suas palestras, Cortella afirmou que o tempo de atenção concentrada de um aluno mudou de 50 minutos para sete minutos. Então, mais do que nunca, o professor deve se integrar a esta nova realidade, se informar, se interessar. Segundo o educador, é preciso estabelecer pontes com este novo mundo em que o jovem vive.

Com isso podemos propor uma forma de metodologia, que não é nova nem muito menos digital, porém é diferente do que verificamos que o aluno é acostumado baseado nos teóricos e nos questionários apresentados no trabalho, a literatura supracitada cordel, que pode chamar atenção dos alunos por sua musicalidade e história, e pode leva-los a criar um apego pela leitura se for usado de forma correta pelo professor, verificando o interesse de cada aluno e investido nisso.

### **3.2- A LITERATURA DE CORDEL COMO ABORDAGEM DIDÁTICA PEDAGÓGICA**

Ensinar História de uma forma a prender a atenção dos alunos é uma arte. O professor precisa dominar muito bem seu ofício, desenvolver determinadas habilidades. A sociedade atual oferece uma diversidade de ferramentas ou recursos didáticos audiovisuais aos educadores, uma variedade de linguagens como o cinema, a TV, a fotografia, a música, por exemplo. Oferece outros tipos de linguagens como o jornal (impresso), revistas e todo tipo de literatura, em prosa e verso. Dentre os tipos de linguagem literária, destacamos a literatura de cordel, objeto de análise didática desse item, que é muito pouco utilizada na sala de aula, mesmo no Nordeste, apesar de possuir uma riqueza imensa, tanto poética quanto documental.

O que faz da poesia de cordel um instrumento capaz de estimular o hábito da leitura são características que costumam encantar as crianças e adolescentes, entre elas a musicalidade das rimas, a temática, que geralmente remete à cultura nordestina, e as metáforas, que abrem caminho para boas discussões. Já que é assim, por que não usar o cordel para ampliar o repertório da turma? Regionalismos, metáforas e palavras que fogem da grafia-padrão, por exemplo. Fatos históricos e aspectos culturais referentes à narrativa também devem ser abordados.

O trabalho com a Literatura de Cordel em sala de aula pode ser pensado como forma de despertar o senso crítico do aluno, bem como sua capacidade de observação da realidade social, histórica, política e econômica, principalmente na região Nordeste, por ser onde nós vivemos, assim como pelo fato de ser esse o local do nosso país em que essa manifestação popular encontrou maior facilidade de propagação, já exposto no capítulo anterior.

A escola entra nesse ponto como veículo capaz de levar os alunos a entrar em contato com o maior número possível de gêneros textuais, fazendo com que eles sejam não somente ferramenta de comunicação, mas também objeto de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, o texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de apenas não tomar esse trabalho na escola como um mero pretexto para uma abordagem puramente gramatical ou mesmo literária, mas sim discuti-lo em toda a sua riqueza, que envolve não só as questões acima mas também contextuais, o que serve de ponto de partida para a discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país, o futuro costuma imitar o passado.

Magalhães (2005) corrobora ao destacar que a literatura vem sendo usada como pretexto para o ensino da gramática e, por isso, sua relação com a vida tem se perdido, fato que tem levado ao abandono da reflexão sobre a realidade que se tem estabelecido na relação com os estilos de épocas literárias, uma vez que aos alunos têm sido ensinadas apenas as características de cada uma, o que reduz o texto literário a uma ilustração dessas classificações.

Nesse sentido, qual seria a melhor forma de preparar uma abordagem pedagógica utilizando a metodologia cordel? O ideal é que o professor de história prepare a leitura com antecedência para dar o devido destaque ao ritmo e à musicalidade proporcionados pelas rimas. Treine a entonação, lembrando-se sempre de que é recitando de modo expressivo que os cordelistas atraem compradores para os seus folhetos. O professor deve atuar como modelo de leitor, questionando as intenções do autor ao escolher determinadas expressões e ajudando na construção do sentido. Informando-se sobre a história e a estrutura poética. Assim, os alunos terão referências da relação entre o texto e a oralidade típica do gênero, não deixando passar a referência histórica do cordel fazendo uma ponte com a atualidade do aluno.

As dificuldades que o professor sofre por trazer algo inovador sobre regionalismo para a sala de aula são várias, destacaremos aqui a resposta do Prof. Me. Rafael da Silva Abreu, que trabalha a quase 5 anos no Colégio E.E.E.F. Sólon de Lucena em Campina Grande, que ao ser questionado sobre as dificuldades do processo didático-pedagógico de um professor de história ao trabalhar com temas regionalistas respondeu: “Um dos desafios é fugir dos estereótipos regionalistas que generalizam os sujeitos. Buscar não rotular os cangaceiros nem como heróis nem como vilões. Trabalhar as questões regionais buscando representar as diversidades como normais.”.

Podemos verificar que a preocupação com quem venceu ou quem foi vencido vai ser de mínima importância numa aula de história, e os rótulos vão fazer os alunos tomarem partidos distintos, com a utilização do cordel, dando forma nome e objetivo aos personagens, surge um novo olhar ao banditismo, por exemplo, o cordel já analisado no capítulo anterior “Adolfo Meia Noite”, pode ser utilizado para explicar os vários motivos que levam os nordestinos a adentrar na vida do cangaço, e que esse fato não está ligada sempre ligada a figura de lampião.

O cangaceiro era considerado qual quer pessoa que fugisse da lei, até pessoas com boa índole, esse fato humaniza a figura do cangaceiro para leitor e com a ajuda do professor se levanta discussões muito importantes a respeito da injustiça e justiça no cangaço, do coronelismo que controlava a volante, das políticas que beneficiavam uma famílias e outras não e do “escudo étnico” utilizado e adotado aos nordestinos, podemos ver parte disso no verso:

“Para os homens do dinheiro  
Que mandavam no sertão  
Matar um chefe político  
Era crime sem perdão  
Por ser pessoa importante  
E daquela noite em diante  
Começava a perseguição.”  
(LACERDA, [s.d.], p.4)

Em outro questionamento levantado ao Prof. Me. Rafael, sobre a aceitação dos alunos com o tema cangaço, ele traz outra afirmação que vem a justificar o cuidado que o professor tem para com a generalização do tema e personagens do nordeste: “Os alunos apresentam simpatia pelo tema, mesmo nunca tendo estudado e já ouvir falar dos cangaceiros e isso fermenta seu imaginário. Sobre como eles viviam, geralmente trazem uma visão de mundo

dos cangaceiros como bandidos apenas.” É pouco o interesse inicial do estudante para com a origem ou da justificativa de se tornar um “bandido” social, mas sim, querem saber suas aventuras, seu modo de vida, o que falavam, o que faziam, quem atacavam e quem matavam. Com a utilização dos vários folhetos que existem o professor pode mudar esse interesse de acordo com a necessidade, variando de comédias a romances, e acompanhando com explicações e atividades o desenvolvimento e a criação do novo imaginário dos estudantes.

Comparando com a realidade de uma escola particular, o Professor Claudio faz a seguinte afirmação ao questionamento: “Na minha experiência, muito bem, já que trabalho com quadrinhos e cinema e tem um apelo visual muito forte com os adolescentes.”, podemos perceber que os recursos utilizados são bem mais variados, mas por que fugir de um recurso tão rico e fabricado na própria região, que é o cordel? Talvez um pouco da cultura regional se perca com as novas tecnologias e até mesmo com as novas mídias, o professor tem que prestar sempre atenção em como sua forma de ensino vai refletir em curta e média duração. É realmente de conhecimento geral que crianças e adolescentes se prendam muito mais a imagens e vídeos do que em folhetos de cordel, porém com a ajuda da xilogravura se é capaz de adaptar a cultura para novas tendências.

Após expor uma literatura de cordel para enriquecer o conteúdo, é dever do professor chamar a atenção para alguns assuntos como o Regionalismos, metáforas e palavras que fogem da grafia-padrão, por exemplo. Fatos históricos e aspectos culturais referentes à narrativa também devem ser abordados. Os desvios ortográficos típicos do cordel têm origem na estreita relação do gênero com a linguagem oral, nesse contexto, eles não são considerados erros, mas traços da fala coloquial e da cultura popular que refletem o ambiente no qual o cordel foi criado.

Algumas poesias de cordel têm linguagem chula ou pornográfica. Outros narram histórias violentas. Na hora de escolher as que serão lidas em sala de aula, é preciso descartar aquelas que apresentem temática inapropriada, levando em conta a experiência dos alunos e a maturidade das turmas, para turmas com pouca idade sejam selecionados textos que tratem, por exemplo, de lendas, festas regionais, acontecimentos históricos ou simplesmente fatos cotidianos.

Abordar a presença da literatura de cordel em sala de aula implica refletir, entre outras coisas, sobre as concepções de leitura, literatura e ensino postos em prática no cotidiano das

escolas. Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo. Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais.

O aluno de hoje precisa enxergar o mundo além de si mesmo, sob pena de, não o fazendo, ficar à margem do próprio mundo em que vive, já que a modernidade se faz presente e exclui aqueles que não preenchem seus requisitos ou se contentam com o superficial.

A literatura de cordel pode perfeitamente contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que apresenta ao aluno uma visão de mundo, que pode se assemelhar ou não à sua, mas que suscita variados questionamentos que podem levar o aluno a refletir sobre a sua posição social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que vive, assim como sobre a posição do outro nesse mesmo contexto.

A partir desse momento torna-se mais fácil que o aluno se perceba como um ser pensante e crítico, capaz de compreender não só a si mesmo como também ao outro e, conseqüentemente, tornar-se apto a intervir na realidade, a fim de mudá-la para melhor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O constante desenvolvimento da história relacionada ao regionalismo tem o desafio já supracitado de se modernizar com base no que é cobrado do aluno hoje, e das limitações impostas ao professor, esse desafio tem como principal vítima a história local, se perde muito do passado local do indivíduo nos currículos escolares, e o professor preso dentro de um sistema limitado tem que fazer propostas fora de suas obrigações para com o colégio, tentando que o conhecimento não se perca.

Não é necessário voltar no tempo para ver várias revoluções didáticas pedagógicas, e que o conhecimento é selecionado a dedo, o que é importante e o que deixa de ser, num país como o Brasil, esse tipo de prática vai trazer o conhecimento para o centro, geograficamente falando, evitando as particularidades de cada região. Para um bom aproveitamento do imaginário regional é necessário uma reforma educacional, parar de atribuir a “salvação nacional” a figura do professor, e sim criar uma estrutura que justifique o trabalho do mesmo, que contribua para a valorização de toda forma de conhecimento, um conhecimento geral e regional.

O cangaceirismo na região nordeste é de muito valor acadêmico, e de pouco foco no ensino médio, estudantes que estão ligados regionalmente e talvez consanguineamente com os eventos analisados e que se não for devidamente trabalhados, deixaram de existir no imaginário. Um assunto atrativo e uma porta de entrada para vários outros temas relacionados, com o auxílio de novas formas de metodologias a história cultural será reformulada e sofrerá uma nova revolução.

Devido ao curto período para o término do trabalho não tivemos a oportunidade de aplicar o questionário a uma quantidade maior de professores e levantar dados mais precisos das escolas públicas e particulares, mas acredito que chegamos perto do proposto no trabalho, tendo e vista que com a oportunidade poderemos aprofundar a pesquisa de campo.

Várias outras formas de metodologias poderiam ser aproveitadas no trabalho acerca do regionalismo, como Videogames, filmes ou até jogos de RPG, toda uma infinidade de recursos que podem e devem ser usados no cotidiano do aluno, e que chamam bastante atenção, misturados com os interesses populares e o entretenimento, porém isso daria assunto para outro trabalho de conclusão.

E por último e não menos importante poderíamos fazer uma melhor utilização das imagens para um melhor posicionamento acerca do ensino visual dos alunos assim como Frederico Pernambucano utiliza nos seus livros, uma análise das imagens e das xilogravuras. No mesmo tema, a utilização de cordéis e autores com diferentes visões do cangaço como é as obras do poeta Medeiros Braga e Vera Ferreira, a última que é autora conjunta de uma obra que se chama “Maria Bonita do capitão” onde retrata uma história do cangaço pela ótica feminina e que se pode tirar muitas discursões de gênero e fazer pontes do passado com o presente e o lugar da mulher nessas variadas sociedades.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira: espaço e identidade regional**, Recife, 2008.
- CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Lampião – o terror do Nordeste**. 3. ed. [s.n.t.], 1983. (Literatura de cordel, 1501).
- CHIAVENATO, Júlio José, **Cangaço: A força do coronel**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DIÉGUES JR, Manuel. **Literatura de cordel**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1977.
- HOBBSAWM, E. **A Era dos extremos.O breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.13.
- HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**, Tradução: Donaldson M. Garschagen, - 4.ed.-São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- LACERDA, José M. **Cangaceiros Volume VII: Adolfo meia noite**, Paraíba, [s.n.],[s.d.].
- MACHADO, Christina Motta. **As táticas de guerra dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.
- MAGALHÃES, Belmira. **O ensino de Literatura e a interconexão entre representação literária e história**. In: Leitura. Maceió: Imprensa Universitária, UFAL,2005.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. – 5.ed. – São Paulo: A Girafa, 2011.
- MEYER, Marlyse. **Literatura de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Recôncavo Sul: Terra, Homens, Economia e Poder no Século XIX**, Salvador, UNEB, 2003
- ORWELL, George. **1984**, Tradução: Alexandre Hubner e Heloisa Jahn, São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

PEREIRA, Auricélia Lopes. **O rei do cangaço e os vários Lampiões**. Dissertação de mestrado. Recife: UFPE, 2000.

SAMUEL R. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH, v. 9, n. 19, p. 219-242, 1989.

SILVA, João José da. **O encontro de Lampião com Lampião**. Pernambuco, [s.n.], [s.d.].

#### **SITES -**

<http://www.positivoteceduc.com.br/na-frente/conexao-total-professor-aluno-geracao/> (Acesso em 03/10/2016)

## ANEXOS – QUESTIONARIO

ESCOLA: \_\_\_\_\_  
NOME: \_\_\_\_\_  
TURMA(S) QUE LECIONA: \_\_\_\_\_ TURNO(S): \_\_\_\_\_  
TEMPO DE ENSINO NA ESCOLA: \_\_\_\_\_  
GRADUADO EM HISTÓRIA: ( )SIM ( )NÃO TEM OUTRA GRADUAÇÃO?  
QUAL? \_\_\_\_\_  
POSSUI PÓS GRADUAÇÃO? ( )SIM ( )NÃO EM  
QUE? \_\_\_\_\_

01- Qual a importância da História na vida do aluno? Como eles percebem a História?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

02- Na sua opinião, quais as abordagens que devem ser priorizadas em sala de aula quando pensamos em cangaço?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

03- Quais são as metodologias que você utiliza ao ministrar uma aula sobre o tema CANGAÇO?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

04- Considerando o tem a CANGAÇO, como você vê a utilidade do livro didático?

---

---

---

---

---

---

---

---

05- Quais os principais desafios do processo didático-pedagógico de um professor de história ao trabalhar com temas regionalistas?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

06- Como é aceito o tema CANGAÇO pelos alunos?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

07- Quais os desafios que o professor encontrar para trabalhar a História no ensino fundamental e médio nos dias atuais?

---

---

---

---

---

---

---

---